

APRESENTAÇÃO

VOLUME 2

Dossiê “Vidas íntimas: poéticas do Eu”

Em 1930, escrevendo sobre Stendhal (1783-1842), Paul Valéry (1871-1945) enuncia um pensamento-aforismo, que vem sendo redito desde então e cujo alcance de interpretação está longe de se esgotar: “Em Literatura, o verdadeiro não é concebível.” Figurando entre as páginas de *Varieté II*, a frase diz respeito à obra do romancista francês, cuja identidade, sedimentada na impermanência do “eu”, materializou-se em assinaturas diversas, desde o Henri-Marie Beyle, do nome civil, até o pseudônimo que o tornou célebre, nomes a que se acrescentam o Henri Brulard, com o qual registra a história de sua vida, e, por fim, o Arrigo Beyle, inscrito em sua lápide, no cemitério de Montmartre, em Paris.

Por seu turno, no preâmbulo que escreveu para suas *Confissões*, nos anos finais do século XVIII, Rousseau refuta a presunção dos que se orgulham de conhecer os homens, com base em uma apreciação céptica: cada um mal conhece a si mesmo. Ao que o escritor-filósofo ainda acrescentava, dubidativo, se é, de fato, verdadeiro, que alguém se conhece. Voltado para a sondagem de si próprio, particularmente nas *Confissões* e nos *Devaneios de um caminhante solitário*, Rousseau foi levado a admitir, afinal, que o conhecimento imperfeito de si é o único meio que se emprega para conhecer os outros.

Apontando para o caráter desdobrável do eu, e da Literatura que o diz – inapreensíveis, ambos – em suas conexões intrincadas e oblíquas – as observações dos dois escritores encaminham-se, de forma natural,

para as Escritas de si, uma das pautas mais assíduas da contemporaneidade, no âmbito dos Estudos Literários.

Esta é também a questão nuclear do presente dossiê da revista *Entrelaces*, o número 9 da Revista, que traz como título *Vidas Íntimas, Poéticas do eu*, numa provocação a que se reflita sobre esse que parece ser um debate ainda em aberto. Como se sabe, na paleta do “eu” que se escreve, é comum encontrar-se uma diversidade de tons – um gradiente de cor – tal a variedade de nuances de abordagem da Literatura, face às experiências escriturais em primeira pessoa. Assim é que os artigos deste dossiê, divididos em dois volumes, discutirão questões ligadas à autobiografia, à autoficção – volume 1 – e às memórias e aos diários, – volume 2 – embora não se possa traçar um nexos distintivo perfeito entre essas categorias, pois se a terminologia as distingue, elas, na realidade, se atravessam, denotando toda a ductilidade que cada uma encerra de *per se*. Por isso mesmo, figuram também no volume 1, alguns textos que se dobraram com menos facilidade ainda a tentativas classificatórias.

“Uma palavra amarga: leitura do romance *Vermelho Amargo* pelo viés memorialístico”, de Bruno Henrique Muniz Souza, analisa a narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós, com amparo teórico em Philippe Lejeune e Ecléa Bosi, inclinando-se pela inferência de uma escrita particular do autor, situada entre autobiografia e memória, e na qual é focalizada uma relação familiar deteriorada pela ausência da figura materna e a presença da madrasta, em suma, o entrechoque sim e não, vivido em estado de paroxismo pela criança. O que aflora às páginas do livro é um mundo em ruínas, no qual a reiteração do signo “tomate” contribui para o tormento infindável do memorialista, no que é acompanhado pelo leitor, que lhe captura a refinada expressão da dor de viver.

Ainda no tocante a obras memorialísticas, Gabriela Pacheco do Amaral analisa os muitos “eus” existentes em dois livros de Graciliano Ramos: *Infância e Memórias do Cárcere*. No primeiro, se por um lado, o escritor revela a rudeza de sua vida até os 14 anos, em função da aridez do Nordeste, e ainda da sequidão afetiva por ele experimentada, junto à família; por outro, delinea o traçado de sua futura vida como escritor, a qual é anunciada pelo perfil deste leitor adolescente. No segundo, uma obra póstuma, o velho Graça lembra o tempo em que esteve encarcerado pela ditadura getulista. Para a autora, ambos os relatos servem de afirmação do “eu” do escritor. Aproveita-se ela das ponderações de Halbwachs, para o relato prisional e as de Ida Machado, para o raconto da meninice.

A análise de Guilherme Azambuja Castro incide sobre o romance *A Escrita ou a vida*, do destacado intelectual espanhol Jorge Semprun. Trata-se de uma narrativa na qual o escritor revive, depois de 50 anos, o terrível pesadelo experimentado no campo de concentração de Buchenwald, Alemanha. Segundo Semprun, seu objetivo era ficcionalizar sua vivência no horror. Desejaria ele apagar ou avivar essa marca? Importa lembrar que o romancista já havia escrito, sobre a mesma temática, *A grande viagem e Que belo domingo!*. Castro propõe uma reflexão sobre a “literatura do trauma” – como narrar o indizível? – com fundamentação em Henry Bergson e Maurice Halbwachs, entre outros.

O enredado território das escritas de si é retratado como um ato de leitura, por Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz, ao tratar criticamente de dois livros da escritora argentina Sylvia Molloy, o ensaio *Vale o Escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica* e o romance *Desarticulaciones*, obras que, no entender de Schmitz, revelam a memória em ruínas. No primeiro dos livros, com respaldo em Paul De

Man, tem-se um apanhado da escrita autobiográfica da hispano-América, nos séculos XIX e XX, o qual denota a ruína da memória oferecida pela visão eurocêntrica desse gênero de escrita, pois nele ressoam as vozes dos mortos, ausentes e marginais. A pergunta que surge no segundo é: Como ler uma vida quando a memória, motor da escrita, é puro apagamento pelo mal de Alzheimer? Seria isso possível? O trabalho problematiza as questões seguindo o “desvio de rota”, de Silvano Santiago.

Em “Memória e criação em Manoel de Barros”, Suzel Domini dos Santos busca uma leitura crítica da ficcionalização da memória nesse trabalho poético, especificamente no “Poema VII”, estampado na terceira parte de *O Livro das Ignorâncias*. Manoel de Barros, que confessa ter vivido apenas a infância, durante toda a sua existência, usa a rememoração da idade originária para elaborar um eu poético, bem como inaugura um espaço natural, que se desprende do Pantanal mato-grossense, sob o efeito de um processo de desreferencialização. A matéria da infância chega ao leitor, enfeixada por uma linguagem metapoética, uma das marcas que identificam a dicção do verso manoelino.

A relação da obra de Lygia Bojunga com a escrita memorialística é grifada por Vanessa Paulino Venancio, em pelo menos três títulos: *Livro – um encontro* (1988), *Feito à mão* (1996) e *O Rio e eu* (1999). É sobre o último deles, o qual versa sobre a cidade-personagem, que a autora do artigo constrói uma poética bonjungueana da memória, assentada em duas premissas: a memória entrevista como “lugar de reflexão”, capaz, por conseguinte, de gerar um metadiscorso em torno de si; e a natureza particular da linguagem meta, que se reflete sobre o par memória-esquecimento e ainda nos vínculos entre memória e processo de criação literária, perceptíveis no texto da escritora gaúcha.

Partindo do Lejeune, do *Pacto autobiográfico*, Cinthia Lopes de Oliveira, Javer Wilson Volpini e Adriana Kelly Furtado Lisboa detêm-se, neste exercício de escrita, nos *Diários*, do romancista mineiro Lúcio Cardoso, texto que em sua última edição de 2012, conta com a organização de Écio Macedo Ribeiro. Lopes, Volpini e Lisboa recordam que, em seu estudo, Lejeune enumera “várias utilidades de se manter um diário”. No caso de Lúcio Cardoso, além de propiciar dados sobre sua escrita íntima, favoreceria o seguimento da forma de produção de seus romances, de sua poética de narrar, em suma. Além disso, desvelaria as concepções literárias, políticas e religiosas do escritor.

“A escrita de si: história e memória em *Diários de Motocicleta*”, subscrito por Christiane Silveira Batista e Paulo Custódio de Oliveira, apresenta o diário como um texto de vocação aglutinante, abrangendo em suas páginas “desde aspectos políticos, sociais e históricos, até relatos de viagem”. Pode ainda figurar como uma mescla de todas essas abordagens, e nesse sentido os autores aludem ao diário de Ernesto Guevara de la Serna, o jovem argentino, que mais tarde seria o “Che”. A experiência de escrita em foco fala não só do itinerário de sua primeira viagem, mas também comenta o que ele viu, sentiu e viveu. Baseado na memória e em anotações, o livro resulta em uma tentativa de o autor conhecer a si próprio e seus conterrâneos latino-americanos.

É com fundamento em análise teórico-metodológica, calcada nos subsídios da AD francesa, que Fabiana Rodrigues Carrijo lança-se à compreensão de como o sujeito de um discurso elabora sua subjetividade pela escrita de si. As especificidades dessa tendência escritural serão buscadas em dois diários íntimos, da escritora mineira Carolina Maria de Jesus: *Quarto de despejo* (1960) e *Diário de Bitita* (2007). É Blanchot quem chancela o entendimento de que “o narrador-personagem corresponde a um sujeito que se vale da escrita para

preservar o dia vivido na esperança de que se deve preservar e preservar-se para não passar incólume.” Outras contribuições teóricas afloram ao texto, tais como as de Foucault e a dos estudos bakhtinianos.

Fazendo um recorte do *Diário Íntimo*, de Lima Barreto – publicado postumamente, em 1953 – com privilégio para a análise de duas notas situadas em 1908, Maria do Socorro Barbosa de Miranda pretende evidenciar como se dá a construção/desconstrução das imagens do intelectual contidas nessa experimentação da escrita de si. Em conformidade com Miranda, esse livro, que representa uma pungente denúncia do racismo, traz à discussão descentramentos nos discursos hegemônicos do poder, questionando a “verdade” estatuída e os “estereótipos, construídos e cristalizados ao longo do processo histórico-literário”. As reflexões contidas no artigo são desenvolvidas com base em Said, Foucault e outros.

Em “Literatura Íntima: que mistérios têm o diário de Alice?”, Marta Roque Branco e Paulo Bungart Neto tomam como *corpus* de análise dois textos, com atributos de diário, publicados no jornal *O grito*, de Ivinhema-MS. Os textos pertencem a Alice Vaz de Melo, escritora do interior de Mato Grosso do Sul. O diário, forma de escrita íntima, valorizada por Lejeune, como expressiva contribuição da literatura confessional, é sondado em sua arquitetura composicional e também do ponto de vista do estatuto, pois o texto objeta a compreensão do diário como “gênero menor”. Além de Lejeune, o trabalho expõe conceitos teóricos de Leonor Arfuch (2010) e Eliane Zagury (1982).

Machado de Assis e Haroldo Maranhão aparecem imbricados no estudo de Paulo Alberto da Silva Sales, através de *Memorial do Fim: a morte de Machado de Assis*, livro do escritor paraense, publicado em 1991. As escritas de si estão presentes no romance, sob o formato de trechos de diários e de cartas endereçadas a seus contemporâneos por

Machado. São elas testemunhas dos últimos dias de vida de nosso maior escritor, e se mesclam à ficção de Maranhão. Concorre ainda para o registro do pastiche no romance a utilização do recurso intertextual, com as citações do escritor, morto em 1908, incorporando-se à prosa deste romance contemporâneo.

Ainda na tônica dos diários, Rafaela Souza Maldonado centra seu interesse na discussão do tema da escrita testemunhal, a qual é decorrente de “experiências de conflito e em tempos de catástrofe”, como sustenta Márcio Seligmann-Silva, referência em estudos desse teor. O artigo realça a compreensão do teórico quanto à valorização da voz de quem sobreviveu ao extermínio do Holocausto, uma vez que ele credita à Literatura a valorização do histórico, ainda que essa voz se dilua em um discurso fragmentado. Essa seria uma oportunidade para uma outra perspectivação do real, agora narrado pelo literário. A seleção de textos recaiu sobre obras de Carla Capponi e Ada Gobetti, combatentes do movimento partigiano, à época da Segunda Guerra Mundial.

Todas as formas de tentar dizer o “eu”, sejam artístico-literárias, sejam as incursões analíticas dos estudiosos, que também o querem desvendar, levam-nos a recordar o verso de Herberto Helder: **“e de tudo os espelhos são a invenção mais impura”**, em que a própria **Literatura reconhece o colossal desafio. Ou nos incita a persistir na busca dessa miragem? Quem poderá saber?**

Fernanda Coutinho
Organizadora do Dossiê
“Vidas íntimas: poéticas do eu”